



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES – CH
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA – UAHIS**

MIRELLE DIAS BARBOSA

**MEMÓRIAS DE ESCOLARIZAÇÃO E RELATOS SOBRE A EXPERIÊNCIA DO
ESTÁGIO DOCENTE: DA FORMAÇÃO CIDADÃ À FORMAÇÃO DA
PROFESSORA DE HISTÓRIA (2006/2022)**

CAMPINA GRANDE, PB

2023

MIRELLE DIAS BARBOSA

**MEMÓRIAS DE ESCOLARIZAÇÃO E RELATOS SOBRE A EXPERIÊNCIA DO
ESTÁGIO DOCENTE: DA FORMAÇÃO CIDADÃ À FORMAÇÃO DA
PROFESSORA DE HISTÓRIA (2006/2022)**

Trabalho de Conclusão de Curso (Relato de Experiência) apresentado ao curso de Licenciatura em História do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em História.

Orientadora: Prof. Dr. Silêde Leila Oliveira Cavalcanti

CAMPINA GRANDE

2023

MIRELLE DIAS BARBOSA

**MEMÓRIAS DE ESCOLARIZAÇÃO E RELATOS SOBRE A EXPERIÊNCIA DO
ESTÁGIO DOCENTE: DA FORMAÇÃO CIDADÃ À FORMAÇÃO DA
PROFESSORA DE HISTÓRIA. (2006/2022)**

Trabalho de Conclusão de Curso (Relato de Experiência) apresentado ao curso de Licenciatura em História do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em História.

Orientadora: Prof. Dr. Silêde Leila Oliveira Cavalcanti

Aprovado em: 16 de fevereiro de 2023.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Silêde Leila Oliveira Cavalcanti Nascimento (PPGH-UFCG)
(Orientadora)

Prof. Dr. Iranilson Buriti de Oliveira (PPGH-UFCG)
(Examinador Interno)

Gutierre Farias Alves
(Examinador Externo)

“O que agora vemos é como uma imagem imperfeita num espelho embaçado, mas depois veremos face a face. Agora o meu conhecimento é imperfeito, mas depois conhecerei perfeitamente, assim como sou conhecido por Deus.”

I Coríntios 13:12

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço ao meu Senhor, Autor e Consumador da minha fé que, mediante Sua Graça, me transformou em filha por adoção, não estaria aqui sem tamanho amor Daquele que me conheceu ainda substância informe.

A minha família que em todos esses anos de graduação me motivaram a continuar, mesmo que todas as coisas estivessem ao avesso. Meus pais, avó e irmãos que sempre estiveram ao meu lado, me ajudando e nunca desacreditando que esse momento chegaria.

Ao amor da – e para – minha vida que com todo apoio e carinho me incentiva em todas as áreas, não me deixando desistir e contribuindo para esse momento. Me ajudando com organização, ouvindo cada insegurança e acima de tudo, me cobrindo com toda paciência, cuidado, carinho e amor.

RESUMO

Este relato de experiência busca analisar não só como o estágio docente – no presente relato ocorrido na Escola Major Veneziano, no município de Campina Grande-PB no ano de 2022 – é importante para a formação do aluno no processo para tornar-se professor, como também memórias escolares e os impactos que cada experiência têm no indivíduo através de uma escrita de si. A metodologia adotada para a construção do relato é embasada em pesquisas acerca da escrita de si, da Base Nacional Comum Curricular e de debates da turma de Prática do Ensino de História na Escola – I e II grau de 2022.1. Para fundamentar o relato dialogarei com o conceito de *escrita de si* de Michel Foucault, de socialização e de como se aprende as características do meio e se torna parte do processo de aprendizagem.

Palavras chave: Memória, Escolarização, Estágio Docente, Educação, Experiência de Ensino, Prática.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1.HISTÓRIAS DE ESCOLARIZAÇÃO E A CONSTRUÇÃO DE UM INDIVÍDUO	10
1.1 DAS ESCOLAS MUNICIPAIS AO INSTITUTO FEDERAL DE CAMPINA GRANDE: SIMONSEN, TIRADENTES, “MAIS EDUCAÇÃO” E “ALUNA NOTA 10”	10
1.2. O MEU INGRESSO NO CURSO DE HISTÓRIA: DESAFIOS, CONFLITOS E RESSIGNIFICAÇÕES IDENTITÁRIAS	16
2.1 DO DIAGNÓSTICO DA ESCOLA À ELABORAÇÃO E À MINISTRAÇÃO DAS AULAS: EXPERIMENTOS PEDAGÓGICOS DA DOCÊNCIA EM HISTÓRIA	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS	28
APÊNDICES	29
APÊNDICE A – SEQUÊNCIA DIDÁTICA – HISTÓRIA	29

INTRODUÇÃO

O mundo social apresenta características culturais e estruturais que influenciam e constroem o ser humano como indivíduo, características tais como crenças, tradições, línguas, hierarquias – sejam familiares sejam institucionais –, formas de convívio, entre outras; e, há diversas instituições durante o percurso que deixam marcas e se apresentam como peças fundamentais para a formação do quebra-cabeças que é o caráter. Essa é a *socialização*, o processo pelo qual esse indivíduo aprende os aspectos culturais que o formam e esse processo garante que esse novo *sujeito social* saiba como lidar com seu meio e exerce grande influência sobre seu comportamento.

Nos últimos anos há um crescente interesse pelo pessoal, aquilo que é contado em primeira pessoa, que é apresentado por alguém sobre ele mesmo. Além da licenciatura em História, trabalho também com redes sociais e, de fato, houve um curto período que artes bem produzidas no *Adobe Photoshop* ou *Illustrator* realmente atraíam a atenção e as curtidas; hoje não gera mais o mesmo *engajamento*. O ser humano, hoje, tem sede de humanidade, o *influencer* com mais seguidores é o *influencer* da vida real, o que sabe apresentar o seu dia-a-dia, aquilo que lhe é cotidiano, que vive as mesmas coisas que o *eu* segurando o celular.

O foco desse texto não é falar sobre as redes sociais ou gerar engajamento, mas sobre o interesse crescente das pessoas pelo demonstrado em *primeira pessoa*. A escrita de si é vista como um exercício literário moderno, não se trata de um gênero específico, mas antes do caráter que o texto assume, onde questões pessoais são levantadas. “A busca e o interesse por esse tipo de produção escrita se explicariam, talvez, pela ambientação e desnudação particular da intimidade do autor, o que aguça a curiosidade de um público que vem aumentando consideravelmente. (SILVA E MOREIRA, 2016, p. 1).

Além disso, ainda há uma tênue linha entre o real e a ficção. “O autor se inscrevendo no ato ficcional é uma das tradições mais antigas do Ocidente, sendo que, quando Agostinho escreve suas Confissões, essa noção já estava estabelecida.” (LAZARIN E LONDERO, 2018, p. 84).

Esse exercício literário em geral possui características específicas como escritos em primeira pessoa e sua marca comum é a afirmação pessoal, onde o *eu* se

descobre e *se apresenta*. Foucault, em uma de suas obras argumentara que a escrita de si constitui o próprio sujeito e constrói a noção de indivíduo.

Do outro lado temos um empasse na criação acadêmica que há pouco não levava em consideração o pessoal, antes quanto mais neutro, melhor. E ainda hoje é uma escrita levantada muitas vezes como sendo sem emoção, mas o ser humano, como escreve Kenneth E. Hagin em seu livro *O Espírito Humano - O homem em três dimensões*, ele é um espírito, possui uma alma e habita em um corpo, dificultando, dessa forma, o distanciamento entre qualquer ação humana e suas emoções. As experiências constituem o ser, e as emoções fazem parte das experiências, logo, um relato sobre si e/ou sobre uma experiência é cheia de humanidade e emoção, pois não há parcialidade em uma vivência.

Há também a parte da universidade que oferece projetos de iniciação como o Programa de Educação Tutorial (PET) e Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), sendo ainda assim com uma quantidade de vagas reduzidas que, infelizmente, não alcança a todos os alunos da licenciatura. O estágio docente acaba, por muitas vezes, sendo a primeira experiência do licenciando em sala de aula e essa é, até o último currículo em vigência, no último período.

Entre as fontes utilizadas para elaboração desse relatório estão os registros orais das experiências aqui demonstradas, fotografias, as diretrizes apresentadas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e os materiais produzidos para as aulas ministradas.

Sendo assim, o trabalho aqui desenvolvido apresenta memórias de vida e a experiência para a formação de um professor, tendo como objetivo conhecer os processos que formam esse *sujeito social* e analisar o conhecimento adquirido através da prática docente e a importância dessa experiência desde cedo e, para além das apresentações gerais sobre o curso ou sobre a prática docente como obrigações comuns, a construção de um indivíduo e as experiências que serviram de fundamento para essa obra que é o caráter humano.

1. HISTÓRIAS DE ESCOLARIZAÇÃO E A CONSTRUÇÃO DE UM INDIVÍDUO

1.1 DAS ESCOLAS MUNICIPAIS AO INSTITUTO FEDERAL DA PARAÍBA: SIMONSEN, TIRADENTES, “MAIS EDUCAÇÃO” E “ALUNA NOTA 10”

Durante o período de formação como historiadores, os alunos são incentivados a entender os contextos, mergulhar na experiência cotidiana e ir para além do que está na superfície, sendo assim, acredito ser de bom tom apresentar o contexto ao qual estou inserida para culminar nas mudanças que o período de prática proporcionou na minha história.

Meu nome o leitor já conhece, Mirelle Dias Barbosa, o que permanece como mistério é o porquê de uma área para memórias, é realmente importante? Implica em algo do relato? E é o que eu busco responder com essa fase da escrita.

Nasci em 20 de março de 2001 na cidade de Campina Grande, Paraíba. Iniciando os estudos muito cedo em uma escola particular de bairro e logo na alfabetização indo à Escola Municipal de Ensino Fundamental Roberto Simonsen, no bairro do São José, onde minha avó tinha uma barraca em frente ao Hospital Universitário. Ali aprendi a ler e iniciei minha vida educacional e, para toda a família, era de extrema importância que meu irmão mais novo e eu tivéssemos um bom desenvolvimento educacional, meus pais não terminaram o ensino médio, minha avó, devido problemas de saúde também tinha muitas dificuldades, e era prioridade que estudássemos, então essa era nossa rotina, pela manhã estudávamos e à tarde ficávamos assistindo à tv enquanto vovó vendia seus bolos, doces, cafés.

Do terceiro ao nono ano estudei na Escola Municipal de Ensino Fundamental Tiradentes, no bairro de Santa Rosa, localizada na Rua Presidente Costa e Silva, há cerca de 270m de onde eu morava e 650m da casa da minha avó – onde passava a maior parte do tempo. Uma escola pequena, estrutura simples, salas apenas suficientes para comportar as turmas, a secretaria era em frente ao pátio, todos os funcionários sempre muito acessíveis e nos recebendo com o melhor que podiam oferecer, costumo pensar que tive sorte ao comparar minha experiência com o que ouço de outros que já tiveram experiência na rede pública, fora naquele ambiente que tive professores que acreditaram no potencial de uma turma de crianças e os levou à frente, professores cujos nomes e feitos ficaram marcados, que independente da estrutura, dificuldade e limitação, demonstraram que grandes profissionais são

aqueles que amam o ambiente ao qual estão inseridos e se entregam para torna-lo melhor.

FIGURA 1 – ESCOLA MUNICIPAL TIRADENTES



Fonte: Google Maps

Ainda nos anos iniciais fui acompanhada por Aparecida Gomes e Maricelia Garcia, duas excelentes professoras com metodologias extremamente distintas. Aparecida buscava inovar em seus métodos, havia aulas em que fazíamos pinturas para falar de Geografia, ou leitura de quadrinhos para falar de Português, escrevíamos poemas e cantávamos matemática, a História que enchia os olhos com todas as curiosidades a mais que buscava compartilhar. Maricelia costumava ser mais tradicional, caderno na mesa, quadro branco e lápis, com toda a paciência conseguiu me ensinar sobre frações – sempre tive muitas dificuldades com matemática; até hoje, se me recordo da segunda parte do hino nacional é porque ela nos dissera que quem soubesse mais sobre o mesmo e cantasse em uma aula extra no sábado após uma das greves que passamos, ganharia uma caixa de chocolates – e infelizmente eu não fui a ganhadora. Lembro de, por longos meses, desenhar plantas baixas nas últimas folhas do meu caderno e um dia observando isso me apresentou a arquitetura e fora por muito tempo o curso que eu almejava.

Ao partir para os anos finais, os horários mudariam, eu já não teria aulas com uma *tia*, mas com vários professores, cada um para uma área específica. Agora eu acordava cedo, atravessa a rua sozinha, conversava de forma mais madura com meus amigos, já não brincávamos de *polícia e ladrão* ou *barra bandeira* durante os *recreios*, *recreio* era “coisa de criança” e nós não éramos mais crianças.

Também durante esse período surgira o projeto *Mais Educação* – fora uma das ações do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE) e tratava-se de uma estratégia do governo federal para a ampliação da jornada escolar. O programa era composto por sete macrocampos referentes ao acompanhamento pedagógico; ao meio ambiente; ao esporte e ao lazer; aos direitos humanos e à cidadania; à cultura e às artes, à inclusão digital; à saúde, à alimentação e à prevenção.

Eu estava na primeira turma experimental do *Mais Educação* na escola, tínhamos aulas de dança, hip-hop, rádio escolar, flauta, matemática e português, pela manhã tínhamos as aulas curriculares e às tardes se dividiam entre as disciplinas do programa, nesse período minha relação com a educação deixara de ser pela obrigação de tirar boas notas ou porque havia uma necessidade de estar no ambiente escolar; aquilo me instigava, eu gostava de estar ali.

FIGURA 2 – TURMA EXPERIMENTAL *MAIS EDUCAÇÃO* DE 2012



Fonte: Arquivo pessoal

Meu primeiro professor de História propriamente dita fora Francimar, seus métodos eram os mais tradicionais possíveis, abríamos o capítulo do livro que trataria sobre o assunto da aula, ele fazia suas anotações no quadro e nós as mesmas anotações no caderno, como sempre fui da turma que conversa bastante em aula, recebia muitas reclamações, principalmente no fim delas quando o professor nos chamava para receber o *visto* na atividade que havia ao fim do capítulo e

respondíamos no caderno; o começo da próxima aula seria as repostas daquelas atividades, também respondidas em quadro.

Já a primeira experiência com História que marcou minha vida fora com a professora Fabiana no oitavo ano, em 2013. A mesma lecionava de uma forma diferente, nos tirava da sala de aula, contava histórias de sua vida para deixar o ambiente mais leve e de forma quase imperceptível, nos ensinava sobre o passado em exemplos que sequer pareciam ter sentido. Ao tratar de Nordeste, em uma oficina feita de última hora e quase sem nenhum preparo, Fabiana dançara ao som de Luiz Gonzaga para nos ensinar sobre nossa cultura. Seu amor pela profissão e pelo que compartilhava nas aulas deixou uma marca que no momento parecia nem existir, mas que já estava lá.

Durante esse período, entre o sétimo e oitavo ano, uma prática recorrente na rede pública marcara negativamente meu processo com a educação, há anos eu fazia parte da mesma turma, com os mesmos colegas – poucos eram acrescentados ou saíam; nos conhecíamos, todos tinham um ótimo relacionamento, mas o ambiente competitivo estava instaurado não só através do programa *Aluno Nota 10* como, naquele período, uma gincana entre escolas onde os melhores alunos seriam selecionados para representa-la. Como alguém que sempre teve problemas com comparação, estar em um ambiente como esse tornava tudo mais difícil, todos pareciam fazer qualquer coisa para estar nesse grupo. Tornara o ambiente hostil.

O ensino público sempre fora criticado, seja pelo currículo corrido, a falta de tempo para o melhor desenvolvimento das disciplinas, professores muitas vezes criticados por menosprezarem os alunos; a minha experiência fora diferente, me sinto honrada por ter feito parte de uma escola tão boa, anualmente tínhamos feiras e gincanas, cada professor, do mais tradicional ao mais inovador, sempre buscavam ver e apontar o melhor em nós. Um exercício de memória como este traz à tona esta sensação, de que o que realmente fica são as boas lembranças.

Por fim, a última memória acerca desse período tão bonito fora que ainda no final do oitavo ano, nossa professora de Matemática, Denise, incentivou a turma a iniciar o processo da retirada de documentos pois logo estaríamos aptos ao processo seletivo do Instituto Federal da cidade, e assim, boa parte da turma o fez. No período, o ingresso no IFPB-CG era através de uma prova classificatória.

Hoje, ao fim do curso, sei que boa parte do meu desejo por servir meu aluno e vê-lo como mais que apenas uma pessoa que vai receber os conteúdos vem dessa

raiz. Aprendi com essas pessoas a enxergar o potencial que cada um tem, nem todos vão ser bons em matemática ou geografia, alguns serão instrumentistas excepcionais, poetas, empreendedores, e a forma como fomos educados naquele ambiente nos deu essa coragem.

Por cerca de um mês após o início das aulas no ensino médio, fui acompanhada por esses professores, não passara na primeira chamada e estudei no Estadual da Prata, todos com toda paciência me ensinaram que essa prova não poderia definir meu futuro, independente de onde eu estivesse, minha vontade e esforço me fariam chegar onde eu desejava.

E então veio a segunda chamada, fui convocada enfim a fazer parte do Instituto Federal da cidade. Começara a fase de maiores descobertas da minha vida, cursando o técnico de informática integrado ao ensino médio, foram três anos intensos, com uma nova rotina, um novo ambiente; como sempre fui, senão a mais nova da turma, parte desse grupo, tive dificuldades com o meio, a adaptação fora dura e o apoio da minha família foi essencial.

A primeira grande mudança fora exatamente na instituição, se antes estava acostumada ao ensino público da escola municipal, em um prédio pequeno, próximo à minha casa; a nova escola era duas, três vezes maior, a cerca de 3,7km da minha casa, parte dos dias de forma integral, a quantidade de matérias aumentara consideravelmente.

FIGURA 3 – INSTITUTO FEDERAL DA PARAÍBA – CAMPUS CAMPINA GRANDE



Fonte: Site oficial da instituição

Agora meu foco era a informática, aprendia diversas linguagens de programação, fora nesse período que desenvolvi o aprendizado na língua inglesa, as

primeiras finais que fiz durante todo meu processo educacional. A Matemática pareceu piorar, a Química e a Física estavam em grego, eu tinha certeza, mas a História sempre fora uma das matérias favoritas, me interessava por assuntos relacionados às guerras, Grécia Antiga, autodidata com todos os assuntos que gostava, fazia parte das minhas pesquisas diárias, me instigava a leitura desses assuntos, mas minhas notas eram na média, algumas aulas não prendiam minha atenção e a maioria delas atendiam os métodos tradicionais, os mesmos assuntos apresentados das mesmas formas, alguns professores demonstravam menos interesse que os alunos.

Fora nesse período que conheci uma outra figura que alimentava o desejo pela licenciatura ainda bem escondido dentro de mim: Yuri Saladino Souto Maior Nunes, o professor que me ensinou que História pode ser retirada dos lugares mais inusitados, seus projetos e pesquisas estão relacionados com a História da Contracultura, seu TCC da graduação tinha J. R. R Tolkien como tema, apresentava Histórias em Quadrinhos como fonte, suas aulas eram viagens pelos livros, cheias de referências à cultura pop tornando de fácil compreensão e deixava os olhos brilhando.

Naquele período eu ainda não queria a licenciatura, a arquitetura já estava em segundo plano, mas o primeiro era a Ciência da Computação, até que em 2016, aos 15, ainda no segundo ano, conheci Jesus e meu senso de propósito mudou. Agora eu entendia que não precisava confiar na minha força, foi quando, quase que de uma hora para a outra, a Licenciatura em História começou a queimar no meu coração. Ainda não entendia o porquê, sequer imaginava que dentro de mim havia marcas que me incentivassem a seguir, mas me lancei nessa fase e me comprometi com ela.

Minha família não esperava por essa escolha, acredito que nem eu mesma esperava, fora difícil convencer minha avó que a escolha da profissão não estava pautada na quantidade de retorno financeiro que eu teria após minha formação, pela maioria fui tola, a escolha mais sábia seria seguir com aquilo que aprendi e gostei por três anos, mas se fui levada à licenciatura, dei o meu melhor por ela.

1.2. O MEU INGRESSO NO CURSO DE HISTÓRIA: DESAFIOS, CONFLITOS E RESSIGNIFICAÇÕES IDENTITÁRIAS

Em 2018.1 começava minha jornada em busca de me tornar uma professora de História, como nunca me vira como uma, não tinha expectativa ou um padrão, apenas me deparei com disciplinas difíceis, professores diferentes daquilo que eu estava acostumada, um ambiente completamente diferente.

Minha primeira aula do curso fora Introdução ao Estudo da História, o professor Gervácio Batista Aranha a lecionou, era como estar em outro país ouvindo uma língua sequer similar a minha. Nunca fui uma aluna excepcional em História então minhas inseguranças estavam cada vez mais evidentes, me sentia um peixe fora d'água.

Em uma turma de, até então, 40 alunos; identidades, vontades, valores, costumes diferentes daquilo que eu havia aprendido. As aulas exigiam mais da minha atenção, minha visão daquele ambiente era de competição, como se cada aluno quisesse mostrar ser um pouco mais inteligente que o outro. Começavam os debates, as apresentações, a configuração da sala de aula mudava a cada toque, em um momento as cadeiras formavam um círculo, em outro estavam enfileiradas, às 10 horas íamos de um prédio a outro pois na universidade não se tem a sala da turma de 2018.1 de História.

As atividades agora eram outras, o texto lido na aula da segunda-feira não servia mais para a aula da quarta-feira, já seria um outro livro, um outro capítulo, um outro conceito. Lembro que durante muito tempo meu pai me deixava no portão da UFCG às 6h55, pois pegava no trabalho às 7h, enquanto ainda me adaptava ao ritmo, esses eram os momentos de finalizar as leituras, esperando pelo momento de ir à sala de aula, as vezes sentada no corredor do BG, as vezes nos bancos do SINTESP-PB.

As provas com duas horas de duração, duas perguntas e um texto de páginas a desenvolver, com questões de três autores para discutir e analisar, quais suas similaridades? Em que pontos os autores convergem? Como o autor *A* influenciou o autor *B*? Será que eu li esse texto bem? Esse conceito pertence a essa escola mesmo? Era um novo método, uma nova forma de ser avaliada e, exatamente durante esse período, desenvolvi um quadro de ansiedade. Eu tinha mais medo da universidade que vontade de estar lá e vencê-la.

Durante o tempo de curso tive colegas de outras cidades que acordavam às 4h para chegar a tempo na aula, eu só precisava acordar duas horas depois e pegar um

ônibus ou ir com meu pai de moto. Todas as dificuldades que os via passar, que eram compartilhados entre o grupo – como sempre tive um problema com comparações – se tornaram um tormento, pensar que de alguma forma eu tinha sorte por estar mais perto da universidade e outras coisas do tipo, quando me saía mal em alguma disciplina, me sentia preguiçosa, talvez não tivesse me esforçado o suficiente, sempre fui muito dura comigo mesma. O fato de encontrar um propósito, entender o que estava fazendo, o porquê de estar ali, mudou tudo.

Fora próximo ao quarto período, nas aulas da professora Juciene Ricarte Apolinário que provei um pouco do que o curso estava me preparando para ser. 2019.2, aulas de História do Brasil I, a professora nos incentivou a criar grupos e darmos aula sobre determinado tema, mas com um diferencial, a aula seria para uma turma de universidade, nossos colegas, mas deveríamos lecioná-la como a crianças do ensino fundamental, *sejam criativos* fora a frase da professora, e *aproveitem da melhor forma os materiais simples, pois nem toda escola tem estrutura para slides e vídeos*.

Para essa aula sobre os povos nativos do Brasil trouxemos o que estava ao nosso alcance que remetesse a cultura que está nas nossas raízes. Fora a primeira vez que me vi como professora.

FIGURA 4 – AULA SOBRE OS POVOS NATIVOS DO BRASIL





Fonte: Arquivo Pessoal

Em ordem, Luciano Soares, Alex Souza, Raí Porto, Camila, Mirelle Dias, Emanuel Messias, Jéssica Coutinho, Vanessa Camila, Emelly Alves

Durante esse período de curso, vi muitos amigos desistirem, buscarem outra vocação, perderem o interesse, e com o tempo, a licenciatura começou a fazer parte da minha vida, entendia pouco da razão de estar ali, após as primeiras experiências que tudo parecia ir se encaixando, a primeira aula que lecionei fora para o estágio ao qual está incluído como um dos requisitos para conclusão da cadeira de Prática de Ensino, mas essa aula marcou minha vida, mudou tudo, deu a motivação necessária para poder enfim concluir o curso.

Entendendo as particularidades, essas memórias levantam uma indagação pessoal, teria o estágio mais cedo mudado a forma como meus colegas viam o curso? Como eu mesma o via?

2. O ESTÁGIO NA ESCOLA ESTADUAL MAJOR VENEZIANO VITAL DO RÊGO COMO UM DIVISOR DE ÁGUAS NA MINHA FORMAÇÃO COMO HISTORIADORA-EDUCADORA

Visto a necessidade de contextualização, diante disso, o curso de História fora fundado na década de 1980 na até então UFPB Campus II, inicialmente formando baracheis e logo implementando a Licenciatura ao seu catálogo. O currículo vigente durante minha formação fora o currículo de 1986, currículo rico em teoria, porém a prática viria somente oito períodos depois.

Durante o curso, iniciado no semestre de 2018.1, passando por uma pandemia que mudara a rotina e metodologia como um todo, uma troca de currículo e diversos marcos para o curso, como o aniversário de 40 anos em 2020, por exemplo; fora possível compartilhar experiências e discutir com os colegas de turma e de curso como um todo e, de forma triste, perceber que muitos pararam no caminho por não encontrarem seu lugar na licenciatura.

Em leituras complementares, uma fala do professor Miguel André Berger (1985), da Universidade Federal de Sergipe, encontrada no Boletim Goiano de Geografia de 1992 chama atenção, ele diz: *Ao que parece, nos cursos de formação de recursos humanos para a educação, o estágio não tem sido suficientemente valorizado, pois quase sempre ocorre no final do curso, não tendo uma sistematização que possa contribuir para um melhor desempenho do aluno e não possibilitando ao futuro profissional condições de refletir sobre sua prática.*

O aluno da Licenciatura em História precisa, como está na descrição do curso encontrada no portal da Universidade Federal de Campina Grande, investigar e discutir acerca das experiências do homem no tempo e no espaço, mas também estar apto a atuar profissionalmente nos magistérios da educação básica e em diversas áreas do conhecimento histórico, sendo, dessa forma, frustrante esperar tanto pela prática de ensino.

2.1 DO DIAGNÓSTICO DA ESCOLA À ELABORAÇÃO E À MINISTRAÇÃO DAS AULAS: EXPERIMENTOS PEDAGÓGICOS DA DOCÊNCIA EM HISTÓRIA

A disciplina de Prática do Ensino de História na Escola – I e II grau esteve no meu histórico no período passado e agora. No período passado optei por cancelar a disciplina por questões pessoais e decidi que faria o melhor em 2022.1. A matrícula fora feita pelo próprio sistema, lembro de optar pela cadeira no turno da manhã pois à noite estudo no Centro de Treinamento Bíblico Rhema e não poderia conciliar os dois no mesmo período, havia choque com os horários.

Dessa forma estive nas aulas acompanhada pelo professor Iranilson Buriti e uma estagiária, a Nahyara, ambos atenciosos, abertos e compreensivos. Durante as aulas compartilhávamos nossas experiências após o início do período de prática, mas também discutíamos planos de aula, sequências didáticas (APENDICÊ A) e educação. Eram levantadas questões como *que tipo de professor eu quero ser?* e sempre chegava dessas aulas disposta a ser um pouco melhor.

Para o início da Prática, tive dificuldades em encontrar uma escola e um professor que me acompanhasse, por sorte, um dos antigos professores do meu namorado aceitara fazer parte da jornada junto comigo, o professor Renato Elias Pires de Souza, que possui graduação em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba, mestrado em História na Universidade Federal de Campina Grande e atualmente é professor efetivo do Estado da Paraíba.

A escola que me acolhera fora a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Major Veneziano Vital do Rêgo, localizada no Acácio Figueiredo, um lugar que eu, até então, não conhecia entra como fundamental para a virada de chave e a motivação que faltava para o enfim término do curso.

Localizada em zona urbana e de dependência administrativa estadual. Possui atendimento educacional especializado, ensino fundamental (anos finais) e ensino médio, com as modalidades de ensino regular e EJA. No ano de 2021 – pois não tive acesso aos dados finais de 2022 – os dados referentes às matrículas eram os seguintes.

Anos Finais: 534

Ensino Médio: 685

EJA: 352

Educação Especial: 120

A escola possui um prédio principal e um prédio anexo, o que se encontra descrito neste projeto corresponde ao prédio principal, onde fui e conheci durante o estágio. O mesmo possui 18 salas de aulas que chegam a comportar entre 30 e 35 alunos, uma quadra poliesportiva recém inaugurada, sala de diretoria, sala de professores, sala de secretaria, banheiro adequado à alunos com deficiência ou mobilidade reduzida. Possui rampas que conectam um ambiente a outro, mas não tem certificado de escola ou dependências com acessibilidade

Ao entrar pelo portão principal, um grande espaço para acomodação de carros, hastes para as bandeiras e uma roleta – que durante o período de estágio não foi possível observar qual o critério de uso, pois não estava em funcionamento. As dependências da escola ainda contam com uma cozinha e dispensa, espaço aberto que é utilizado como refeitório – mas sem mesas e cadeiras. Água tratada, energia elétrica, lixo com coleta periódica e esgoto; o ambiente sempre esteve muito limpo, durante o período decorrido, e os funcionários com o qual tivera contato foram receptivos e deram todo o suporte – até o último dia de prática, o quadro de funcionários envolvia 25 pessoas.

A escola ainda dispõe de aparelho DVD, retroprojetor e TV para uso didático, sendo todos para uso com aviso prévio. Há uma internet banda larga oferecida em todo o ambiente que, mesmo com suas falhas, é fundamental.

A sala de aula utilizada fora a última ao lado direito do corredor de entrada, as mesas e cadeiras estavam aptas para uso, mas algumas já desgastadas pelo tempo ou pela ação de pessoas. Um ventilador que funcionava bem, quadro branco e mesa para o professor.

No período de prática docente, a direção estava em período de troca, mas o diretor a me receber fora Henrique Felipe Cavalcanti de Oliveira. Atualmente a escola está passando por uma enorme bagunça administrativa, o diretor a entrar após a saída de Henrique saíra, o cargo de diretor se encontra basicamente vago, além de outros cargos administrativos que se encontram sem funcionários. Nesse sentido, houve dificuldade em ter acesso ao regimento.

A proposta pedagógica da escola tende a formação do aluno como parte do ambiente que o cerca. Sua prática envolve a participação de crianças, adolescentes, jovens-adultos e adultos na comunidade, visa apresentar os direitos e deveres de cada um como seres sociais e os apresentar sua voz, os dando consciência de que eles podem sim fazer algo pela sua comunidade.

Como escola com educação especial, inclusão e responsabilidade social também faz parte da sua proposta pedagógica, buscando uma conscientização dos membros do ambiente escolar, sejam eles alunos ou funcionários.

As aulas de História para essa turma ocorriam na segunda-feira, das 13h às 14h20, sendo duas aulas de 40 minutos cada.

O período de observação fora um marco na minha vida como aluna e professora em formação, o professor Renato tem sua própria metodologia, entrava na sala e deixava seu aluno confortável, fazia perguntas, incentivava a participação e, depois que o ambiente leve estava estabelecido, dividia sua aula em um período de escrita no quadro, explicação e atividade ao fim para fixação de conteúdo. Com exemplos próximos aos alunos, o professor explicava assuntos que, à primeira vista, não seriam cotidianos aos mesmos. Sua metodologia influenciara a forma como lecionei para a turma, pois me adaptei ao que estavam acostumados com o professor Renato.

A turma do 1º ano I é uma turma experimental do novo ensino médio, seu livro didático já conta com interdisciplinaridade. Cerca de 26 alunos são matriculados na turma, mas a média dos que iam a aula ficava entre 15 e 20. A turma teve problemas com professores, muitas trocas e alguns ainda se adaptavam ao professor Renato, que não estava com a mesma desde o início, ainda presenciei a inserção de uma nova aluna ao grupo, a turma sofria com falta de rotina e estabilidade, um exemplo disso, podendo ser visto na sequência didática, é quanto ao assunto da disciplina, que no quarto bimestre, ainda tratava de Grécia Antiga.

São alunos de idades entre 13 e 16 anos, acabaram de sair do ensino fundamental, estão mudando muito de suas vidas e é um fato perceptível durante as aulas, alguns são muito tímidos, pouco interagem, outros conseguem participar de forma mais efetiva da aula. Um problema geral dessa geração de alunos é o uso de smartphones durante as aulas, alguns inclusive de fone, sempre de forma discreta, mas que quebra foco.

A prática de ensino nos pede dez aulas, duas de observação e oito de regência, mas eu consegui participar de quatro aulas de observação, sendo duas por dia, no primeiro dia, 26 de setembro, a correção de uma prova, o segundo dia em sala fora somente no dia 17 de outubro, dado as datas coincidirem com o fim do primeiro turno na semana do dia 03 e o feriado da cidade e nacional nos dias 11 e 12 – onde optaram

por ponto facultativo na segunda feira (10). Lembro de, na primeira participação na escola, entrar na sala como uma aluna do colégio e observar.

A primeira aula lecionada por mim ocorrera no dia 24 de outubro, cheguei 30 minutos antes do início da aula, apenas o vigilante estava na escola, fui muito bem recebida e fiquei onde os alunos esperam para o início da aula, um vão antes da secretaria, a entrada só é permitida pontualmente às 13h, onde me dirigi à sala de aula e esperei cerca de cinco minutos para a chegada de Renato, o professor que me orientou nesse período, enquanto isso, conversei com a turma que àquela altura já me conhecia, busquei um bom relacionamento com todos.

Após a chegada do professor, houve uma breve apresentação e então lecionei a primeira aula que tinha por tema o período pré-homérico e homérico. A turma se mostrou interessada no assunto, muitos se animaram com o tema Grécia pois conheciam previamente por já ter feito parte do currículo escolar de anos anteriores ou por conhecer personagens mitológicos através de filmes, séries, jogos ou livros. Percebendo isso, pude utilizar exemplos que os ajudava com a compreensão e sempre fazendo uma ligação entre o que aprendiam e o que viviam, algo que aprendi com o professor regente da turma.

A segunda aula tem por data 07 de novembro, já que a semana anterior fora marcada com o fim do segundo turno e das eleições. Mantive a vontade de chegar alguns minutos mais cedo, já conhecia parte da turma e podia conversar com eles antes do início das aulas, ainda enquanto esperávamos o sinal soar às 13h. Todas essas conversas me fizeram perceber que, mesmo com o frio na barriga de estar à frente de uma turma, mesmo que por um curto período de tempo, eu amava aquele ambiente, o que tornou tudo mais fácil e leve. A segunda aula lecionada, sem dúvidas fora a melhor delas, a aula com mais participação e onde os alunos estavam mais à vontade. O tema da vez fora o período arcaico.

A terceira aula ocorrera no dia 14 de novembro, nessa aula em questão, uma nova aluna fora introduzida à sala, chegara de outra escola e estava em seu primeiro dia, com a oportunidade da aula, a recebi e busquei apresentar uma aula que, ao tratar dos assuntos que cabiam a ela, apresentava também os conceitos anteriormente estudados. A aula em questão tratava sobre a era de ouro grega e foi uma oportunidade ímpar para conversar com os alunos sobre o que conheciam desse período.

A quarta e última aula, no dia 21 de novembro, foi marcada como uma revisão para a prova que seria aplicada na próxima semana, o professor Renato me dera liberdade de guiar essa aula. Aula guiada por nostalgia, sabia que seria a última e usei a oportunidade para dar ainda mais oportunidade de diálogo, considerando serem assuntos recém apresentados, contei com a participação da turma e obtive êxito.

FIGURA 5 – PRÁTICA DE ENSINO



Fonte: Arquivo Pessoal

No período de prática consegui me ver como mais que uma aluna apresentando trabalhos ou alguém que estava apenas tentando ter uma formação universitária no currículo. Consegui me ver como a professora que entrei no curso para me tornar. Cada uma das aulas ministradas, o planejamento, elaboração de planos, as

pesquisas, escolha e separação de material. Lidar com cada uma das situações de sala de aula que foram possíveis durante o período tornaram o processo mais real.

Foram essas aulas ministradas que me ajudaram a descobrir minha metodologia, entender que tipo de relacionamento quero com meus alunos e acima de tudo, perceber que a educação me trouxe até aqui, então, se possível, quero levar meus alunos pelo mesmo caminho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o exercício de memória que o relato de experiência propôs, pude não só desfrutar da nostalgia de reviver esses momentos como entender que os caminhos que nos cercam, nos formam. Cada acontecimento culmina para o fim deste relatório com um resultado de sucesso. Ao término do período da prática docente, a experiência pessoal adquirida fizera não restar dúvidas de qual o propósito da licenciatura. Para muitos fora a primeira oportunidade em sala de aula, e em minha primeira aula como professora, me sentia em casa. Havia o frio na barriga, o medo de não dar conta, mas a paixão pelo espaço provou que meu lugar é, de fato, em uma sala de aula. Estar inserida no ambiente escolar, lidando com as questões do dia a dia, dividir o ambiente com quem já esteve no mesmo lugar e hoje tem certa experiência, conhecer pessoas que, na ocasião mais novas, podem ensinar tanto.

A oportunidade do estágio, não somente no fim do curso, mas desde os primeiros períodos, transforma o modo como se lida com a própria universidade, entender o porquê de estudar o que se estuda, escrever o que se escreve, além de motivação, nos prepara. Fora através do estágio que entendi a forma como desejo lidar com meus alunos no futuro.

REFERÊNCIAS

CHAVEIRO, Eguimar Felício. A importância do estágio num Curso de Licenciatura. Boletim Goiano de Geografia, 12(1): 97-109, Jan/Dez., 1992.

HAGIN, Kenneth E. O Homem em Três Dimensões. Editora Graça. Jan., 2006.

Perfil do Curso / Área de atuação: < <https://www.ch.ufcg.edu.br/curso-historia.html>>

APÊNDICES

APÊNDICE A – SEQUÊNCIA DIDÁTICA – HISTÓRIA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

CENTRO DE HUMANIDADES

UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA

SEQUÊNCIA DIDÁTICA – HISTÓRIA

MIRELLE DIAS BARBOSA

TEMA: A Grécia Antiga e seu legado político social.

CONTEÚDOS ABORDADOS: O nascimento da Grécia Antiga e seus períodos de sua história de formação e desenvolvimento, as mudanças ocorridas em cada um deles e as consequências que perduram.

DURAÇÃO: Quatro segundas-feiras contendo duas aulas por dia com duração de quarenta minutos cada.

OBJETIVO: A formação do mundo Grego na Antiguidade contribuiu para o desenvolvimento da sociedade, governo, arte, literatura, arquitetura, religião e da escrita no mundo ocidental e sua história continua a ter uma grande influência sobre o mundo até os dias de hoje, como por exemplo a constituição da pólis e a estrutura político-social que dera base ao que é conhecido atualmente. Por objetivo pretende-se conhecer mais sobre esse passado e fazer paralelos entre esses primórdios e o que há nos dias de hoje. Identificação geográfica do espaço, suas relações com o entorno e consequências.

COMPETÊNCIAS:

Competência Específica 2: Analisar a formação de territórios e fronteiras em diferentes tempos e espaços, mediante a compreensão dos processos sociais, políticos, econômicos e culturais geradores de conflito e negociação, desigualdade e igualdade, exclusão e inclusão e de situações que envolvam o exercício arbitrário do poder.

HABILIDADES:

(EM13CHS102) Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais da emergência de matrizes conceituais hegemônicas (etnocentrismo, evolução, modernidade etc.), comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos.

(EM13CHS104) Analisar objetos da cultura material e imaterial como suporte de conhecimentos, valores, crenças e práticas que singularizam diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.

AULA 1 – PERÍODO PRÉ-HOMÉRICO E PERÍODO HOMÉRICO

CONTEÚDO: O início do povoamento às margens do mediterrâneo, os principais povos que fizeram parte dessa formação, as narrativas de Homero; formação dos genos e primeira organização social.

CONCEITOS FUNDAMENTAIS DO CONTEÚDO: Povoamento, mediterrâneo, genos, pater, propriedade.

OBJETIVOS DA AULA: Contextualizar e apresentar geograficamente a região, os principais povos que fizeram parte dessa formação populacional: jônios, eólios, aqueus e a formação dos primeiros tipos de cidades; a chegada violenta dos dórios, o mito grego, a formação das comunidades agrícolas e a organização social patriarcal, questionando seus principais líderes e suas vitórias.

METODOLOGIA E ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PARA O DESENVOLVIMENTO:

Seguindo a metodologia ao qual os alunos estavam acostumados, utilizar-se da escrita no quadro e diálogo aluno-professor e aluno-aluno onde também ocorrerão as discussões em cima do conteúdo, sendo os principais questionamentos levados a debates posteriores com intuito de avaliar os alunos por meios destas questões. Buscar também um diálogo entre a cultura pop e o assunto, tornando melhor a compreensão. Por fim, uma atividade rápida para fixação de conteúdo.

AULA 2 – PERÍODO ARCAICO

CONTEÚDO: A expansão comercial e demográfica da Grécia Antiga, a formação da pólis e sua organização, introdução às principais pólis e seus estilos de governo distintos.

CONCEITOS FUNDAMENTAIS DO CONTEÚDO: Pólis, oligarquia, aristocracia, democracia, lei, educação e política.

OBJETIVOS DA AULA: Apresentar o conceito de pólis e contextualizar sua organização social que era independente entre elas, questionar a formação e participação social com foco em Esparta em Atenas, suas formas de governo e educação.

METODOLOGIA E ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PARA O DESENVOLVIMENTO: Escrita no quadro e diálogo aluno-professor e aluno-aluno onde também ocorrerão as discussões em cima do conteúdo, sendo os principais questionamentos levados a debates posteriores com intuito de avaliar os alunos por meios destas questões. Por fim, uma atividade rápida para fixação de conteúdo.

AULA 3 – PERÍODO CLÁSSICO

CONTEÚDO: Introdução sobre a Pérsia e as Guerras Médicas, liga de Delos e do Peloponeso, era de ouro grega e Guerra do Peloponeso.

CONCEITOS FUNDAMENTAIS DO CONTEÚDO: Pérsia, frotas navais, potência marítima, ligas.

OBJETIVOS DA AULA: Mediante o entendimento posterior dos assuntos, apresentar geograficamente a Pérsia e os motivos que levaram às Guerras Médicas, as consequências dessas guerras e a era de ouro da antiguidade grega, finalizar a aula falando sobre a Guerra do Peloponeso e como fora um enfraquecimento crucial para os eventos porvir.

METODOLOGIA E ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PARA O DESENVOLVIMENTO: Escrita no quadro e diálogo aluno-professor e aluno-aluno onde também ocorrerão as discussões em cima do conteúdo, sendo os principais questionamentos levados a debates posteriores com intuito de avaliar os alunos por meios destas questões. Por fim, uma atividade rápida para fixação de conteúdo.

AULA 4 – REVISÃO

CONTEÚDO: Período pré-homérico, homérico, arcaico e clássico.

CONCEITOS FUNDAMENTAIS DO CONTEÚDO: Propriedade, pólis, oligarquia, democracia.

OBJETIVOS DA AULA: Apresentar uma revisão geral do conteúdo dado nas últimas três aulas, a pedido do professor Renato, para avaliação.

METODOLOGIA E ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PARA O DESENVOLVIMENTO: Escrita no quadro e diálogo aluno-professor e aluno-aluno onde também ocorrerão as discussões em cima do conteúdo, sendo os principais questionamentos levados a debates posteriores com intuito de avaliar os alunos por meios destas questões. A aula em questão conta com participação ainda mais efetiva dos alunos.